

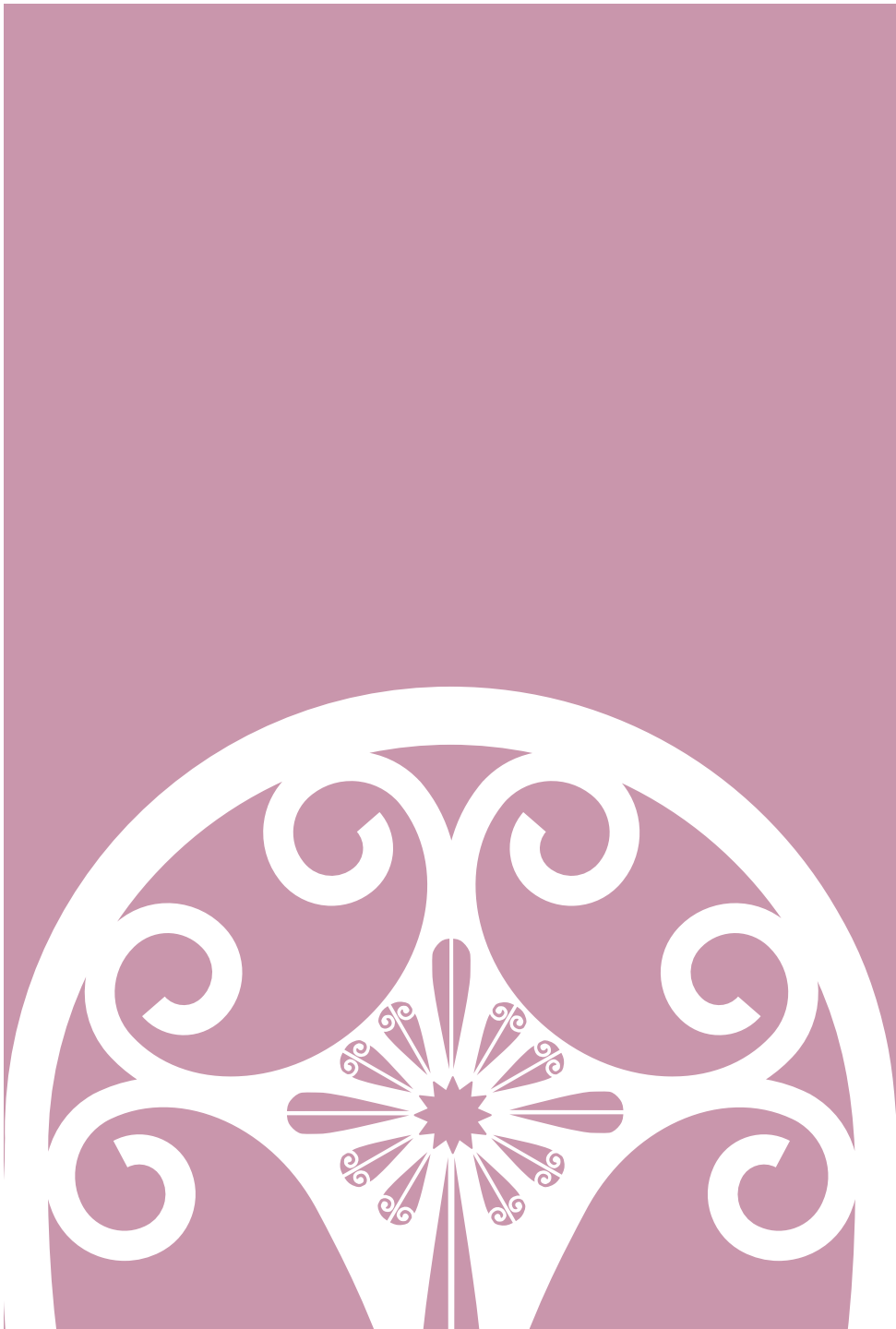


CEMITÉRIO MUNICIPAL  
LOURES

As cegadas

# Os Cinco do Barro





As cegadas

## Os Cinco do Barro

Chamam-se cegadas aos grupos de mascarados que, no Carnaval, pediam pelas ruas à maneira dos cegos ou que criavam, num entendimento popular, confusão ou trapalhada.

De facto, trata-se de uma cena teatral, em roda, com música e versos cantados, mais humorísticos ou dramáticos, mas sempre com ar trapalhão e com homens vestidos de mulheres.

Foram e são uma das tradições carnavalescas mais populares de Loures.

A data de 1880 surge como referência para o aparecimento dos primeiros espetáculos de rua, cantados em tom maior e em fado corrido.

As cegadas, sempre cantadas em verso, têm uma função de crítica social dos costumes, de acontecimentos.

Apareceram vários géneros de cegadas, mas havendo sempre uma figura de mulher, um homem travestido, no meio dos outros trapalhões.

No século passado as cegadas eram representadas ao ar livre, no largo ou na praça, mas também nas tascas e tabernas, umas mais dramáticas, outras mais cómicas, como as do Barro.

Os cegantes ou cegadistas percorriam os lugares a pé, ou montados em burros, carroças, depois, de camioneta

ou carro.

Nas últimas décadas do século passado existiam inúmeros grupos de cegantes, espalhados por todo o concelho de Loures.

O Grupo do Barro era uma autêntica família, primos, tios, sobrinhos, pais, amigos, todos do mesmo lugar, com hortas pegadas.



À frente, da esquerda para a direita, Luís Machado, Barro; seguinte, Manuel Malhão Solas, cegante de Os Cinco do Barro; ao centro, com copo na mão, João "Fandango", cegante de Os Cinco do Barro; homem com criança ao colo, Miguel Malhão, a seguir Luís do Café Pinheiro. Década de 60, século XX.

"Caramujo", "Fandango", Manuel Malhão Solas, Ângelo d'Almeida Simões e Henrique da Costa (Ti Henrique), deram corpo a um dos mais famosos grupos de cegadas de Loures, desde as primeiras décadas do séc. XX até cerca de 1963 – Os Cinco do Barro.

O **Ti Henrique** que tocava guitarra no Grupo, falece em 1963. A partir de 1966, por convite, Francisco Ferreira da Silva, o "Chico da Luz", de Pinheiro de Loures, entra neste Grupo.

Em 1967, por causa do grande drama das Cheias, só se fez uma cegada dos garotos.

**João Costa, "Fandango"**, nascido em 1910, sai na primeira cegada com 9 anos.

**Francisco Costa, "Caramujo"**, sabia ler e escrever; era filho de Henrique Costa, ambos músicos da banda dos Bombeiros de Loures.

O acompanhamento da guitarra tipo sol e dó vem de música tradicional e de fados corridos.

João "Fandango" era analfabeto, mas versejava e andava sempre a pedir aos jovens que brincavam e passeavam pelo parque que gravassem os seus versos e os escrevessem. Guardava os papéis. Trabalhou no campo, mas no final da vida foi vigilante do Parque Municipal Major Rosa Bastos, no fundo de Loures.

Em conjunto, "Fandango" e "Caramujo" iam a Lisboa falar com Adriano dos Reis, que recebia as encomendas dos dois cegantes – as entradas, as falas, os assuntos – e depois compunha a informação à moda das tradicionais cegadas.

Não eram cegadas de uma só autoria e foram muitas escritas desta forma, com as histórias do Barro.

O ensaio era sempre ao sábado, com bolos, vinhos, bagaço, ginja e água-pé.

Nas saídas iam aos lugares dos mais ricos, como Moninhos; ao domingo, iam para Montemor, Caneças, D. Maria, Negrais e Ponte de Lousa. Na segunda-feira iam para a Manjoeira, Pinteus e Casainhos.

O “Fandango” deitava os foguetes e apitava para chamar as atenções. Depois, iam com um boné e recebiam dinheiro que pagava a cegada se fosse comprada, a gasolina, os foguetes, um jantar de todos e mais algum a cada um.

Não havia lucros, só divertimento.

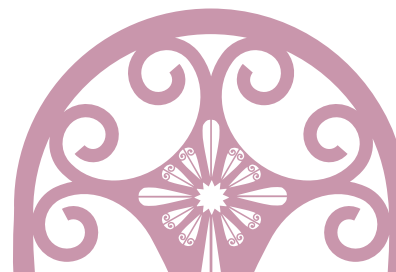
Depois de 1966, entraram novos participantes: o Venceslau, o Fernando, o Quim, o Alexandre, o Virgílio (filho do “Caramujo”) e o “Chico da Luz”, a tocar guitarra.

Em jeito de cegada, primeira atenção:

**“Sus, cá estão os rapazes fixos do Barro de Loures.”**

“  
– O Sr. Doutor dá licença?  
– À vontade, pode entrar.  
– A minha mulher com a doença  
Parece uma lesma a andar.  
– Não sou lesma.  
– Lesma não é.  
– Deveria ter na língua  
O meu marido as dores  
Que eu tenho no pé.”

Testemunhos de Luzia Silvestre da Costa Canteiro e Francisco Ferreira da Silva, recolhidos por Ana Paula de Sousa Assunção, 2018



## Grupo de Cegadas **Os Cinco do Barro**



**Francisco Costa, “Caramujo” | 1907-1998  
Barro, Loures**

Foi um dos maiores autores de Cegadas do Barro. Dinamizou a criação do grupo. Foi um protagonista de relevo, registando para a história local um dos mais importantes valores de património cultural imaterial da cultura saloia, as Cegadas.

Ao longo da sua vida partilhou sempre o seu conhecimento e vivência da cultura local saloia. Foi varredor de ruas e coveiro no Cemitério Municipal de Loures. Foi músico da banda da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Loures.

Era membro do clube Os Samaritanos do Barro.

**Ti Henrique da Costa | f.1963**  
**Barro, Loures**

Pai de Francisco "Caramujo".  
Fazia o acompanhamento musical  
do grupo nas primeiras décadas  
do séc. XX, em modo de fado, em sol e dó.  
Foi trabalhador rural.  
Era membro do clube Os Samaritanos do Barro.



**Manuel Malhão Solas | 1933-2012**  
**Barro, Loures**

Foi membro das cegadas do Barro,  
integrando o grupo Os Cinco do Barro,  
um dos primeiros grupos de cegadas  
que existiu no Barro entre 1940-1963,  
juntamente com "Caramujo",  
"Fandango", Ângelo e Ti Henrique.  
Cantavam em roda, versos cómicos  
ou dramáticos acompanhados  
à guitarra pelo Ti Henrique.  
Era membro do clube  
Os Samaritanos do Barro.



**João da Costa, "Fandango" | 1910-1991**  
**Barro, Loures**

Reforçou o grupo, com "Caramujo", criando  
originais cegadas, não sabendo ler nem  
escrever. Teve um papel de relevo  
na transmissão de conhecimentos antigos  
que permitiram a grupos etnográficos  
e folclóricos de Loures o reforço  
de autenticidade da cultura saloia.  
Foi músico da Banda dos Bombeiros de Loures;  
tocou clarinete e pratos.  
Era trabalhador da Câmara, vigiava  
e guardava os jardins.



**Ângelo d'Oliveira Simões | 1931-2008**  
**Barro, Loures**

Pertenceu ao grupo de cegadas  
Os Cinco do Barro.  
Iam de terra em terra nos três dias  
do Carnaval e vestiam-se de uma forma  
trapalhona, como era tradição dos chegantes  
e cantavam e repetiam versos.  
Foi um dos fundadores do clube  
Os Samaritanos do Barro.  
Era um homem de princípios e de convicções  
políticas bem definidas. Trabalhou na  
Companhia de Trefilaria.

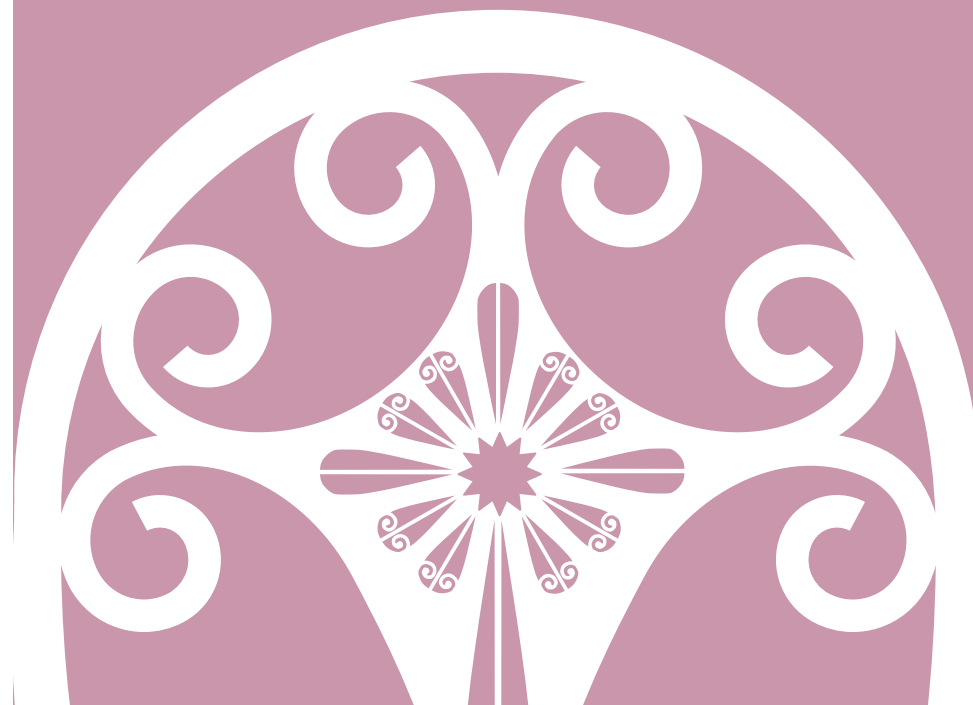


## **CEMITÉRIO MUNICIPAL LOURES**

### **Percursos temáticos**

- > O distinto médico
- > Um olhar renovado
- > A República aconteceu aqui
- > A capela que não existia
- > Felizmente há luar
- > O retratista do Cemitério de Loures
- > Simbologias da arte funerária
- > O Poeta de Loures
- > Os Cinco do Barro

Duração: 45-60 minutos.





### **Cemitério**

Rua da Paz, Loures  
GPS: 38°49'50" N 9°10'30" W

Todos os dias | 9:00 > 17:30  
A entrada no cemitério encerra  
15 minutos antes do fecho.

### **Secretaria**

Segunda a sexta-feira | 9:00 > 12:30 | 14:00 > 17:30  
211 150 706 | dspa@cm-loures.pt

### **Marcação de visitas**

211 150 352 | turismo@cm-loures.pt

### **Visitas guiadas**

Mensalmente | domingos | 10:00 > 12:30 | 14:00 > 16:30  
Com marcação prévia.  
Outras datas e horários, sujeitos a confirmação.